

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE – FANESE
NÚCLEO DE PÓS GRADUAÇÃO E EXTENSÃO – NPGE
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ENSINO
DA LÍNGUA ESTRANGEIRA.**

RAFAELA VIEIRA SANTOS SILVA

**O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E O ESPECTRO AUISTA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

ARACAJU

2019

RAFAELA VIEIRA SANTOS SILVA¹

**O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E O ESPECTRO AUISTA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Administração
e Negócios de Sergipe – FANESE, como um
dos pré-requisitos para a obtenção do título
de Especialista em Tradução Interpretação e
Ensino de Língua Estrangeira.**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra²

ARACAJU

2019.1

¹ Graduada em Letras Inglês pela Universidade Tiradentes. Foi bolsista PIBIC/CNPQ e PIBIC/FAPITEC, realizando pesquisas em história da Educação, com ênfase na Educação Primária no século XIX. Recebeu o prêmio de 3º melhor trabalho científico pela Universidade Tiradentes. Atualmente é pós-graduanda em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino, o qual enfatizou o estudo pela Educação Especial e Inclusiva.

² Possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (1973), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979), doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1985) e Pós Doutorado pela Universidade de Lisboa (1986). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Sergipe, Diretor do Centro de Educação a Distância (CESAD) e membro do Conselho Estadual de Educação de Sergipe. Tem experiência na área de Linguística e Educação, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua portuguesa, norma linguística, cultura e identidade linguística.

O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E O ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Resumo: Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo discorrer sobre o ensino de inglês para crianças autistas, a fim de traçar os pontos positivos e os desafios nesta modalidade de ensino. Para atingir este propósito, a metodologia utilizada abrangerá a pesquisa bibliográfica, que será realizada pela própria pós-graduanda, explorando assuntos relacionados à própria proposta. Pretende-se, desta forma, analisar o ensino de inglês oferecido a crianças com autismo numa sala de aula regular. Conclui-se, em consonância com os estudos e pesquisas realizados, para a composição deste trabalho, que a criança autista pode e deve ser alvo da relação ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, já que isto representaria um estímulo à sua interação social, e ajudaria no processo de melhoria de sua habilidade comunicativa. Além disso, o trabalho é de grande valia na tentativa de melhorar e aprimorar a educação especial, principalmente no tocante ao ensino de língua estrangeira.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão Social. Língua Estrangeira.

FOREIGN LANGUAGE TEACHING AND THE AUTISTIC SPECTRUM: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Abstract: This paper aims to discuss the English teaching for autistic children, in order to show positive points and challenges in this teaching modality. To achieve this purpose, the methodology used will include bibliographic research, which will be realized by the post graduate student, exploring issues related to the proposal. Then, we intend to analyze the English teaching offered to children with autism in a regular classroom. It is concluded, by the studies and research realized, in order to do this work, that autistic children can and should be focused on the teaching-learning relationship of a foreign language, as this would be a stimulus to their social interaction, and would help in the process of improving your communicative ability. In addition, this paper has great value in trying to improve special education, especially focusing on foreign language teaching.

Keywords: Autism. Social Inclusion. Foreign language.

1 INTRODUÇÃO

Acreditava-se que o indivíduo com transtorno autista possuía *déficits* na linguagem em comparação a uma criança que não possui tal transtorno. No entanto, atualmente, estão buscando compreender as alterações na linguagem, não como uma deficiência, mas sim, como uma forma individual de aprender e interagir com o meio.

Observando o pressuposto que os indivíduos com o espectro autista possuem características em comum, porém, entendendo também que cada um deles possui necessidades individuais e específicas, pretende-se com este trabalho, discorrer sobre o ensino de inglês para crianças autistas, a fim de traçar os pontos positivos e os desafios nesta modalidade de ensino.

Tendo como ponto de partida o ensino na educação especial e inclusiva, levanta-se o seguinte questionamento: A atuação de uma professora seria capaz de elencar desafios e possibilidades inerentes ao ensino de língua estrangeira para crianças autistas numa turma de ensino regular?

Possui, como objetivo geral, mostrar a realidade do ensino de inglês para crianças autistas por meio da atuação de uma professora. Já como objetivos específicos, mencionar a atuação da autora ao lidar com crianças autistas numa sala de aula de língua inglesa; analisar se houve método ou abordagem para o ensino da criança com TEA; e, apresentar os desafios e possibilidades encontrados durante esta modalidade de ensino.

Assim, este trabalho se faz importante para a elucidação de questionamentos da sociedade, inclusive de pais e instituições escolares acerca da possibilidade de ensino de uma língua estrangeira a uma criança autista. Sua elaboração é pertinente, pois poderá contribuir como mais uma fonte de conhecimento na comunidade acadêmica acerca das possibilidades de ensino inglês para crianças especiais.

Por conseguinte, professores e instituições de ensino superior poderão se valer deste trabalho a fim de repensar uma melhor abordagem nos estudos e pesquisas sobre educação especial. Além disto, está apto a ser alvo de explanação

em eventos científicos que tratem desta temática, sob forma de comunicação oral ou palestras acadêmicas.

Para isso, inicialmente serão apresentados o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho. Em seguida, o conceito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como seus sintomas de acordo com a Lei das Pessoas com Autismo, Lei nº 12.764.

Serão explicados os níveis de autismo que podem existir e depois deste momento serão descritas algumas ações realizadas pela autora ao ensinar inglês para alunos autistas. Por fim será feita uma conclusão sobre o que foi abordado neste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO

O autismo é um transtorno que afeta o desenvolvimento humano. É definido como um “distúrbio de desenvolvimento a tal ponto complexo que nenhum modelo, nenhuma abordagem clínica, metodológica ou terapêutica poderia por si mesmo abranger a verdade”. (LEBOYER *apud* KANNER, 1995, p.07)

Influenciando áreas como a interação social, a fala e o sistema sensório-motor, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui, de acordo com a Lei das Pessoas com Autismo, Lei nº 12.764, os sintomas:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2012)

Como não há uma regra, ou um diagnóstico definitivo para o espectro, pode-se presenciar, em uma sala de aula, diversos níveis de autismo, que vai do mais leve, o aluno possui um maior domínio sobre sua interação social, sua fala e seu sistema sensório-motor, até o nível mais severo, que o discente não estabelece nenhum tipo de interação social e apresenta bastante limitações.

Para um professor, conhecer a sintomatologia do autismo é primordial para o seu trabalho em sala de aula. Assim, ele deve sempre estar atento para situações as quais a criança não se interessa em brincar com os colegas, se isola com muita frequência, possui dificuldades para falar ou tem dificuldades para participar das atividades de classe.

3 ANÁLISE

A escola que se propõe a receber um estudante com o Espectro Autista deve possuir estrutura física adaptada e uma equipe conhecedora das características do autismo. Esta equipe, que vai além do professor, envolve também o pedagogo, psicólogo e, inclusive, coordenadores e diretores, já que estes últimos, poderão agir em prol de mudanças na estrutura física da escola quando observada novas necessidades.

A escola onde a autora lecionou possuía alguns itens que facilitavam o deslocamento e segurança dos alunos, como, elevador, rampas de acessibilidade e banheiros adaptados para os alunos com algum tipo de deficiência, e tela protetiva nos corredores dos andares.

No entanto, deveria haver uma grade em cada vão de escadas, já que, considerando que a escola também possuía alunos com o grau mais severo de autismo, já foi presenciado, pela autora, situações que o autista corria pela escola sem nenhuma noção de cuidado e precaução. Simplesmente corria o mais longe que podia, podendo, desta forma, cair das escadas e ter uma fratura ou lesão mais grave.

Outro caso presenciado diz respeito a autopunição. O discente com TEA batia no seu próprio corpo e se jogava no chão. Havia ainda situações, durante barulho de outras crianças, que o autista gritava um som estridente.

Diante da complexidade deste transtorno, o ambiente escolar deve ser propício para receber este alunado e o professor deve ser preparado para trabalhar com alunos especiais.

Pelo fato de ser exigido pela escola uma lista de livros no início do ano letivo de forma unificada, a todos os estudantes, o material escolar não era adaptado para o aluno autista. Apenas as apostilas e atividades de caderno, propostas pelo professor, eram “adaptadas”.

Foi presenciado pela autora que o professor, no momento de realizar a atividade escrita para o aluno com TEA, apenas retirava algumas questões, diminuindo o tamanho do exercício, acreditando que, desta maneira, estaria reduzindo a sua complexidade.

Em outras situações de aprendizagem, como por exemplo, trabalhos de grupo ou atividades lúdicas, estes alunos podem se comportar de maneiras diversas. Os autistas leves podem desempenhar as atividades sem dificuldade.

Contudo, os autistas mais severos poderão precisar de acompanhamento para poder participar das atividades e brincadeiras. Neste caso o papel do professor é fundamental para incluir este aluno na situação de aprendizagem.

Além do professor, outros profissionais devem estar inseridos a fim de prestar um atendimento mais eficaz ao discente com o espectro autista. Não cabe apenas ao docente, que está exercendo sua atividade em sala de aula atuar em prol da interação do aluno com TEA.

Durante a atuação da autora, houveram situações que não foram favoráveis à interação entre os discentes pelo fato de não existir a participação do pedagogo durante a aula, fazendo com que a professora, por repetidas vezes, parasse suas atividades para dar uma atenção exclusiva ao aluno com TEA, deixando os outros alunos da classe sem orientação.

Diante deste fato, é necessário mencionar que o pedagogo deve estar presente para dar um suporte ao docente. Esse suporte não significa tomar para si

todas as atribuições do professor, ou isolar o aluno autista da convivência com os demais colegas.

Isso significa que o docente terá com quem contar para que, no momento que o discente com TEA e os demais alunos precisem de apoio, ninguém fique desamparado aguardando longos períodos para receber uma orientação.

Quando se consegue estabelecer a interação do aluno especial, neste caso com TEA, com os demais alunos em uma sala de aula regular, diz que há inclusão escolar. Percebe-se então que não basta colocar o aluno autista na classe e aguardar que este interaja com os outros discentes.

É necessária uma postura ativa do professor de forma que todos os estudantes se percebam como semelhantes em condições e oportunidades, bem como a atuação do pedagogo de forma a auxiliar o docente em sala de aula. Além destes dois profissionais, o trabalho do psicólogo também é de grande importância para o acompanhamento do desenvolvimento sensorial e cognitivo e da inclusão do aluno autista.

Já a inclusão, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência visando à inclusão social e cidadania”. (BRASIL, 2015)

Para isso, o professor deve ter plenas condições de formação acadêmica a fim de que seu conhecimento seja utilizado de forma satisfatória no ambiente escolar. Esse conhecimento pode ser derivado de experiências ou de estudo científico, já que, de acordo com Tardiff (2014), “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p. 36)

O único dilema pensado sobre o conhecimento oriundo de experiências é que as práticas bem-sucedidas são passadas de professor a professor. Essas têm uma boa receptividade. No entanto, más práticas também podem ser transmitidas e compartilhadas, e essas proporcionam a existência de um aspecto negativo no caminho em busca da inclusão.

No primeiro contato com o autismo, não se possuía noção da complexidade. A autora acreditava, como no senso comum, que o autista tinha dificuldade para falar e que vivia e aprendia no tempo dele.

Na primeira tentativa de fala, a autora não sabia que o aluno era autista. Foi questionado seu nome e não houve resposta. Tentou-se falar as palavras com maior pausa e mesmo assim continuou sem resposta.

O aluno não respondia, não olhava nos olhos e parecia não escutar. Neste momento percebeu-se que ensinar inglês para crianças autistas seria um desafio.

Diante de uma formação que não proporcionou o aprofundamento em distúrbios do desenvolvimento, a autora se deparou com alunos autistas possuidores de diferentes níveis. Com os autistas leves, a facilidade de trabalhar foi maior. Porém, com os mais severos, houve maior dificuldade em promover a interação com os outros estudantes.

Com o decorrer das aulas, percebeu-se as necessidades individuais de cada educando e, também, as de adaptar as aulas e atividades. Contudo, a falta de uma pré conceituação, entendimento e preparo, no que se refere a este tema, dificultaram as práticas nesta relação de ensino-aprendizagem. As adaptações realizadas não possuíam embasamento teórico. Eram propostas apenas de forma a facilitar a execução pelo estudante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto sobre a atuação da autora é possível tecer uma breve análise sobre as situações apresentadas. Em primeiro lugar, foi exposto os níveis de autismo encontrados em sala de aula pela autora. Desta forma foi possível perceber que não existe uma conceituação do transtorno definida, tampouco um procedimento, método e metodologia uno que possa ser aplicado a todos os alunos.

Em literatura, teóricos que estudam sobre a metodologia de ensino de inglês e alunos autistas, não foi verificado até o momento a existência de um método ou

metodologia que pudesse ser aplicada, testada ou estudada, com a finalidade de se pensar ou propor um ensino de língua estrangeira para discentes com TEA.

É possível perceber também que houveram desafios durante a atuação da autora no tocante ao comportamento do aluno com autismo em sala de aula, bem como ocasiões de intolerância a barulhos e, também, em situações de atividades de grupo onde se desejava propor a inclusão de alunos com nível mais severo do transtorno, já que eles pouco interagiam com outras crianças.

Por outro lado, as possibilidades de estudos e experimentação de métodos oriundos do cruzamento de abordagens do ensino de língua estrangeira são rudimentos para se pensar numa metodologia própria para a educação especial. Os alunos com o transtorno do espectro autistas poderão usufruir de benefícios como mais interação em sala de aula e desenvolvimento da comunicação verbal, por exemplo.

Por fim, é importante salientar que a busca pelo ensino de língua estrangeira, em especial o inglês, não será uma tarefa fácil, já que não há estudos aprofundados sobre esta temática, e não pode ser uma prática realizada isoladamente pelo professor, pois, pelo que já foi exposto, é necessária a atuação de outros agentes, como, pedagogo, diretores, coordenadores e psicólogos. Contudo, é um importante desafio a enfrentar na busca da melhoria do ensino na educação especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; Acesso em: 24 de Junho de 2019.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 20 junho. 2019.

LEBOYER, Marion. **Fatos e Modelos**. 1995. Papirus Editora, Tradução Rosana Guimarães Dalgarrondo. 2ª ed.

TARDIFF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2002. 5º edição.